



Gol de Letrinhas 11



Sumário

Apresentação.....	2
Prefácio	3

Capítulo 1

Preconceito, qual o seu?.....	4
-------------------------------	---

Capítulo 2

Racismo não é mimimi.....	10
---------------------------	----

Capítulo 3

Desigualdade Social.....	20
--------------------------	----

Capítulo 4

Igualdade de gênero.....	28
--------------------------	----

Atividades	41
------------------	----

Glossário.....	42
----------------	----

Lista de Alunos.....	46
----------------------	----

Ficha Técnica.....	48
--------------------	----

Prefeitura do Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura,
Lei Municipal de Incentivo à Cultura - Lei do ISS

APRESENTAM:

Gol de Letrinhas 11



Mensagem da Diretoria

Onze anos de Gol de Letrinhas, onze anos em que trabalhamos o “fazer pensar”, pois só assim se ampliam os horizontes, se rompem barreiras, se estimula um exame mais crítico e mais profundo sobre nós mesmos e sobre o mundo.

Ao longo do ano de 2017, o tema norteador do nosso livro foi o PRECONCEITO. Um sentimento inerente a todo ser humano, um tema complexo, polêmico, que mexe com valores, com ideias. Um tema maduro, difícil, amplo... quase infinito.

Esse sentimento inquieta o ser humano e, em algumas situações, se transforma em algo quase que intransponível e até ameaçador. O PRECONCEITO nasce, muitas vezes, da ignorância sobre uma determinada cultura. Contudo, ao ser enfrentado sem rodeios, pode ser reelaborado dentro de cada um de nós. Falar sobre ele, e poder expressar dúvidas ou certezas sobre as **diferenças**, contribui para que a intolerância em relação à opinião do outro diminua, assim como, para que as suas escolhas sejam respeitadas, e para que, quem sabe, possamos alimentar a esperança de uma convivência distante do radicalismo e da violência.

Em nossa rotina debatemos o tema em grupos a partir de oficinas artísticas, leituras, dinâmicas e atividades esportivas. Abrimos espaço para conversas buscando despertar nos nossos educandos outras formas de olhar para o mundo e juntos fomos descobrindo a riqueza que existe no outro.

O mundo se amplia à nossa volta quando nosso olhar acolhe a diferença, dando assim um lugar mais nobre para a diversidade.

Sendo mais receptivos, sentimo-nos mais próximos e solidários e, dessa forma, o desafio de viver nos parece mais leve.

Boa leitura! ■

BEATRIZ PANTALEÃO

Secretaria Municipal de Cultura

À frente da Secretaria Municipal de Cultura, temos direcionado esforços para a implementação de uma política de estado baseada na democratização cultural da cidade. Com o compromisso de dar fim ao pesadelo da “cidade partida”, nossa gestão acredita que os conceitos de centro e periferia não contemplam uma política cultural de fato integradora. Por isso, foi traçado um novo mapa simbólico, em que toda a cidade é o centro e cada região é um manancial de produção pulsante de cultura.

Para avançar nesse processo de ressignificação e equacionar as potencialidades, elegemos cinco eixos estratégicos: gestão de escuta ampliada e participativa, cultura pela diversidade e cidadania, programa integrado de fomento à cultura, valorização da rede de equipamentos culturais, e memória e patrimônio cultural. Assim pudemos colocar em prática uma série de ações efetivas, com foco no lema “Cultura+Diversidade”.

A cultura plural, rica e forte do Rio de Janeiro é, ao lado na natureza opulenta, o grande capital da cidade. Ela tem poder regenerador, capaz de corrigir rumos e mudar vidas. Fortalecer, apoiar e difundir nossa cultura não é apenas dever de cada um de nós: é questão de sobrevivência e de resistência. ■

NILCEMAR NOGUEIRA, SECRETÁRIA MUNICIPAL DE CULTURA



Prefácio

Nesta edição do Gol de Letrinhas 11, será abordado um tema muito importante trabalhado com as crianças e adolescentes durante todo ano: o preconceito.

Nos inúmeros caminhos da vida, sem destino, rumo ou direção, em busca de algumas conquistas, amigos, talvez alguns lugares, acabamos passando por situações chatas onde a empatia não tem vez, o amor não tem lugar. O respeito... Ah, o respeito nem pensar! Ambientes em que as pessoas acham que não são seus.

Preconceito é quando formamos uma opinião de pessoas antes mesmo de conhecê-las, um julgamento antecipado, superficial e totalmente perigoso. Agora eu te pergunto: quem te dá o direito de julgar o outro desta forma? De se colocar melhor ou superior a alguém? Nossas características afetam alguém? De que forma pode ofender?

Ao invés de melhorar a nossa sociedade, acabamos trazendo mais situações complicadas e até mesmo violentas.

Dentre os preconceitos mais fortes em nossa sociedade há o racismo. A pessoa racista acha que existem raças superiores às outras, o que é um grande erro, pois não existe. A cor da pele, o cabelo, o formato do nariz, nunca serão argumentos suficientes para “medir” pessoas.

Falando de discriminação, podemos pensar que a pessoa que adota essa postura tem necessidade de se valorizar inferiorizando a outro. A insegurança faz parte dela. Logo, simplesmente não consegue conviver com as diferenças.

Vamos concordar que o mundo já está cheio de problemas, mesmo havendo muitas formas de resolvê-los. Então para que possamos viver melhor e sem medo, é preciso ter EMPATIA. Vamos construir uma sociedade dos nossos sonhos, onde cada um dá o melhor de si. Se nós combatermos todos os preconceitos dentro de nós e no outro faremos o justo, dando um grande salto para a melhoria do mundo. BORA FAZER?

Convidamos a todos para a leitura, a releitura, uma conversa, diversão, desse material que é resultado de atividades lúdicas e debates organizados por professores e monitores. Buscamos despertar o senso crítico de cada jovem e de cada criança para essa grave questão. Neste livro, os leitores poderão ver como os alunos podem combater o preconceito no seu dia a dia, em casa, no trabalho ou na escola.

Boa leitura! ■

MONITORES DA FUNDAÇÃO GOL DE LETRA

Capítulo 1
Preconceito,
qual o seu?
—



Abertura

Preconceito: negação do/ao outro

Podemos dizer que o preconceito, entendido de forma simples como posturas e atitudes que menosprezam pessoas, culturas ou povos diferentes do grupo hegemônico, nega ao outro as suas próprias características, nega o “Eu” do “Outro” frente a um modelo social e cultural dominante. E ao provocar diferenciação nas formas de tratamento (discriminação) e o distanciamento socioeconômico, político e espacial dos grupos sociais que sofrem o preconceito (segregação), ele nega ao outro os plenos direitos de cidadania.

O que fazer frente a isso? Uma das ferramentas mais importantes para combater esses tipos de injustiças sociais é adotar postura crítico-reflexiva para entender o que provoca o preconceito. Quais são suas raízes? Chamamos atenção para três dessas raízes: a primeira é a forma como olhamos o “Outro”. Temos que questionar até que ponto compreendemos e respeitamos o “Outro” em

suas singularidades, evitando julgá-lo através de nossas crenças, costumes e valores. Devemos atentar também para não aceitarmos os estereótipos, que são visões generalizantes e geralmente diminuem determinados grupos. Por fim, é preciso pensar nas diferenças não como hierarquias, não como ameaças, mas como “(...) uma possibilidade que o ‘outro’ pode abrir para o ‘eu’”². Entender que as diferenças são contribuições fundamentais que produzem trocas culturais maravilhosas.

Busquei com essas poucas palavras acompanhar o espírito desse livro: levantar questões, de forma a trocar sentidos mais do que definir, em um ambiente intensamente dialógico. Porém, se há alguma certeza em minhas reflexões é a de que silenciar nunca é o caminho. Nessa lógica, esse livro é uma grande contribuição. ■

Elenise
Barbosa S.
Restier.
Educadora da
Fundação
Gol de Letra.



O que é ser preconceituoso?

Ser preconceituoso é ter atitudes ruins! Machucar as pessoas, deixando elas tristes. Devemos agir sempre com respeito. Percebermos que todos nós temos o mesmo direito, o direito de sermos felizes do jeito que somos. Tenho certeza que se aprendêssemos a nos tratar bem, tudo ficaria bem. O mundo seria um lugar melhor.

Adiones Camilo.
11 anos.
Turma E.



A grande questão

No mundo, diversas pessoas sofrem preconceitos todos os dias. Dentro de casa, em locais de trabalho, nas ruas, em todos os lugares. E por conta dessa violência sempre haverá pessoas que têm vergonha de dizer o que são, o que sentem, como se percebem no mundo.

Alguns seres humanos não compreendem a forma de amar de outras pessoas, se sentem ameaçados, com medo. Há quem diga que sinta nojo, apenas por você não pensar, não sentir da mesma forma que eles.

A grande pergunta que faço é: Será que podemos mudar a opinião dessas pessoas de algum jeito?

Alguns tentam, outros desistem sem ao menos tentar. E você que está lendo? Acha que podemos conseguir um mundo diferente se tentarmos?

Ellen de Oliveira.
16 anos.
Turma J.



Obra “De mãos dadas” produzida pelas alunas Letícia Alves, Letícia Martins, Isabelle Pereira e Layssa Manú, sobre o tema “preconceito”.

O preconceito

O preconceito
Não é bonito.
E aqui na fundação
Todos nós sabemos disso.

Contra o preconceito,
Todos nós somos!
Todos diferentes,
Seguimos em frente!

Vamos sempre
De mãos dadas
Juntos nessa
Caminhada.

Layssa Manú.
13 anos.
Turma I.

Capítulo 2
Racismo
não é mimimi



Abertura

Racismo, uma história de exclusão e extermínio

Passados 130 anos de abolição da escravidão e liberdade das amarras e chicotes, ainda não superamos o preconceito pela cor da pele negra, pelo cabelo crespo ou cacheado, pelas religiões de matriz africana, pelas vestimentas, etc.

O racismo é um fenômeno ideológico, fortalecido por ideias, atitudes e estereótipos, que provocam repulsas e discriminações contra o outro. No caso brasileiro, atinge diretamente as populações negras e pode ser explicado pela nossa história.

Por muito tempo nossos governantes tentaram embranquecer o Brasil, fortaleceram uma política de entrada de imigrantes brancos da Europa, na tentativa de miscigenar as gerações futuras até o desaparecimento dos negros. Enquanto isso, os negros libertos eram jogados aos cantos mais precários da cidade, sem segurança, saúde, educação ou condições de emprego. Acreditava-se que abolir a escravidão era o primeiro passo para tornar o escravizado um cidadão,

mas o que de fato aconteceu foi a negação da igualdade e da cidadania.

Essa rejeição foi reforçada por ideias “científicas” que desenvolviam teorias em que os indivíduos afrodescendentes foram tachados como inferiores, com inteligência limitada e “naturalmente” propensa ao crime e a loucura. Hoje, com muita luta do movimento negro, essas teorias não são mais válidas, mas não superamos o imaginário social sobre a cor negra, que reforça o ódio e a discriminação que foram criados por essas mentiras intencionalmente.

A partir desta proposta que aqui fazem os jovens do programa Dois Toques, desejamos atravessar nossas paredes coloridas, atingindo a comunidade que nos cerca, buscando a superação desse preconceito e promoção da igualdade entre todas e todos numa sociedade verdadeiramente justa. ■

Elisiane Vieira.
Educadora da
Fundação
Gol de Letra.

A luta por uma sociedade igualitária

Uma sociedade preconceituosa não se constrói do dia para noite. A história do nosso país, e como eles trataram as pessoas negras por muito tempo, explica o motivo de termos um Brasil tão racista.

Um país onde as pessoas sentem medo umas das outras pelo tom da cor da pele, onde não tem empatia pelo outro, pelo simples fato daquela violência não estar sendo com você.

Da mesma forma que não construímos essa sociedade de forma rápida, também não conseguiremos reconstruí-la rápido, mas não cansaremos dessa luta, pois acreditamos que todos devem ter os mesmos direitos.

Jhonathan
Martins Pereira.
14 anos.
Turma G.

Brenda da
Silva de Souza.
14 anos.
Turma G.

Sarah Julie
Paiva. 14 anos.
Turma G.



A obra “Os homens” feita pelos alunos Ketelyn Motta, Raissa Santiago, Kethelyn Geovanna, Isabelly Victória de Oliveira e Isabel Silva, da turma J, traz o questionamento do porquê desses homens não serem vistos de forma igual.

Consequências do racismo

Às vezes pensamos que o racismo só existe quando ofendemos o outro ou quando agredimos fisicamente. Mas o racismo está na nossa rotina e muitas vezes não percebemos. A diferença na oportunidade de empregos, as condições para que negros e brancos façam uma faculdade ou estudem em boas escolas são muito diferentes, colocando as pessoas negras sempre em serviços de limpeza sem a chance de melhorarem de vida.

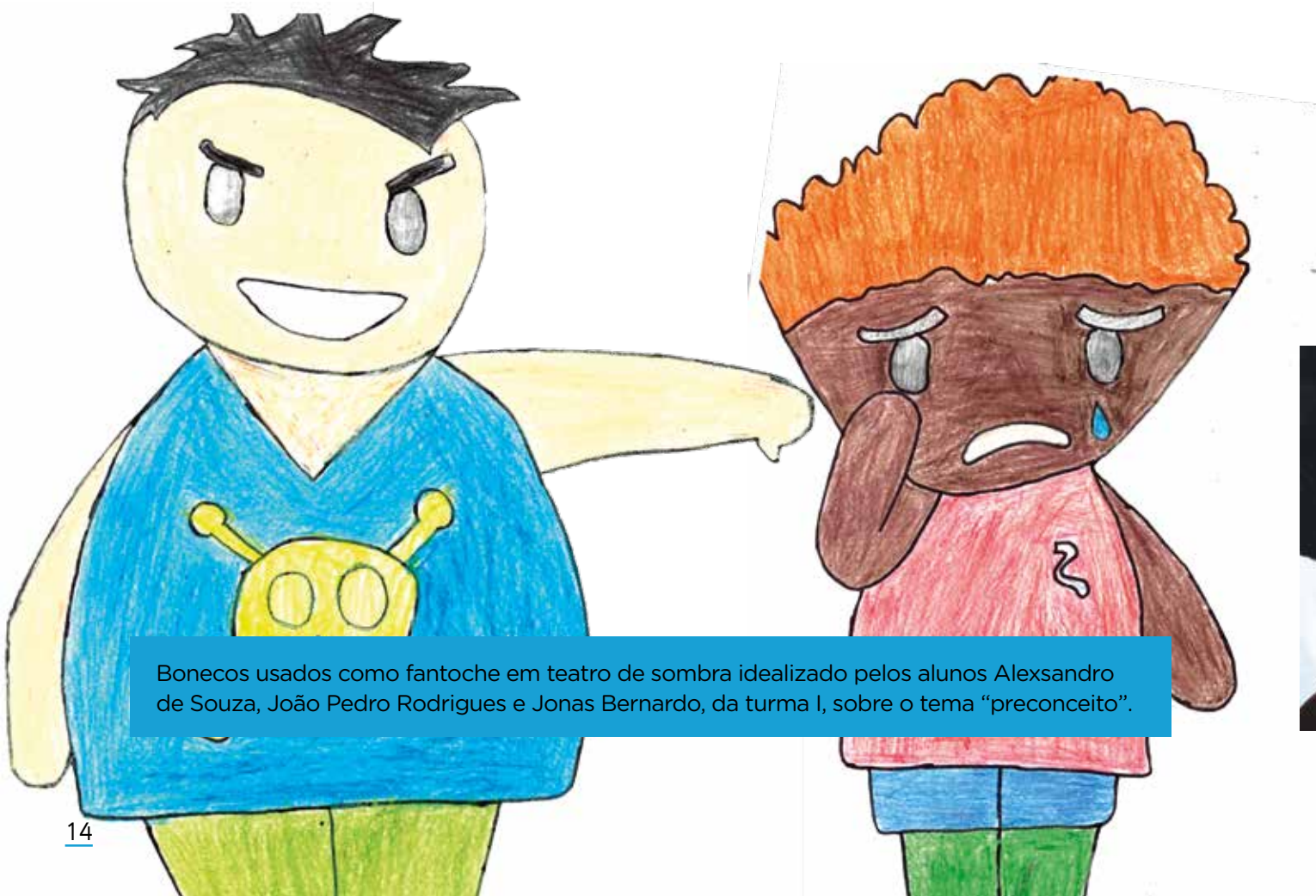
Aqui mesmo, no Caju, a gente percebe que muitas das crianças que estudam em escolas particulares não são negras, diferente das escolas públicas. Isso é consequência do racismo.

Quando pessoas negras entram nos ônibus, pessoas que já estavam dentro do ônibus acreditam que serão assaltadas, apenas pela cor da pessoa.

O racismo ainda acontece muito nos nossos dias. Precisamos combatê-lo.

Guilherme Maldini. 14 anos. Turma F.

Hudson Rian. 14 anos. Turma F.



Bonecos usados como fantoche em teatro de sombra idealizado pelos alunos Alexsandro de Souza, João Pedro Rodrigues e Jonas Bernardo, da turma I, sobre o tema “preconceito”.

O poder de ser quem sou

Na minha infância eu sempre sofri muito *bullying*, aliás, vários tipos de *bullying*. Especialmente pelo tipo do meu cabelo. As crianças odiavam o meu cabelo e eu não entendia o porquê de tanta implicância com ele. Ele não fazia nada com elas. E esse ódio todo que tinham do meu cabelo, me fez odiá-lo de um jeito inexplicável. Eu sofria violência, tanto verbal quanto física, era humilhada. A sociedade me fez um tipo de lavagem cerebral sem que eu percebesse. Eu simplesmente mudei quem eu era, mudei a minha origem, só porque alguém não gostava de mim do jeito que eu era.

Pensando hoje um pouco na minha história, percebi que desde sempre eu fui vítima de uma sociedade suja e imunda, que me fez cometer o maior crime que alguém pode cometer contra si mesmo: a própria negação. Eu não tinha nenhum amor próprio e ninguém chegou

para me dizer que não era assim que tinha que ser, que eu tinha que ser eu mesma independente do que as pessoas falassem.

Estava pensando sozinha no meu canto e acabei percebendo que sempre fui alvo de racismo e nem sabia, só vim perceber esses dias.

Sempre fui discriminada por ter cabelo crespo, por ter uma cor mais escura e os lábios mais grossos. Hoje em dia, posso dizer que nada me faz ter tanto orgulho do que o lugar de onde eu vim e de quem eu sou. Tenho orgulho de hoje poder dizer que minha origem é afro e que venho de uma linhagem de pessoas incrivelmente fortes e batalhadoras. Orgulho por poder ser eu, assumindo aos poucos minhas origens, meu povo, minha cultura.

E o melhor de tudo, me amando.

Rafaela Bezerra. 18 anos. Monitora.



Bonecas feitas pelas alunas na turma J a partir da frase “O meu cabelo não é ruim. Ruim é o seu racismo!”. O desenho e a pintura das bonecas foram compartilhados entre as meninas da turma.

Adivinhe quem está falando!

1

Meu cabelo é Black!

2

Meu cabelo é liso!

3

Meu cabelo tem vida!

4

Meu cabelo é cacheado

5

Meu cabelo é juba!

6

Meu cabelo é maravilhoso!

7

Eu amo meu cabelo!

8

Meu cabelo tem estilo!

9

Meu cabelo é beleza pura!

10

Meu cabelo é danado!

11

Eu amo meu cabelo solto!

12

Meu cabelo é saudável!

13

Eu sou meu cabelo!

14

Meu cabelo é crespo!

15

Meu cabelo, minha vida!



1
O meu cabelo é diferente. Eu gosto de “trocar” de cabelo. Gosto de franja e chanel. Gosto do meu cabelo assim.

2
Eu gosto do meu cabelo. Ele é da cor preta, é bonito e cheiroso.

5
Eu gosto do meu cabelo, acho ele poderoso! Meu cabelo é ondulado e eu acho ele lindo.

4
Meu cabelo é crespo e bem cortado. Ele tem um topete que eu adoro, me acho lindo quando ele fica assim.

6
Meu cabelo é cacheado. Tenho muito orgulho dele ser assim. Ele grande é lindo e eu não ligo para o que as pessoas falam.

3
Meu cabelo é e sempre será crespo. Meu cabelo veio das minhas raízes africanas, por isso é tão lindo assim. Meu cabelo molhado é grande e lindo, mas seco é black e mais lindo ainda.

8
Eu gosto da cor do meu cabelo. Eu sou ruivo e a cor do meu cabelo é linda.

7
Eu gosto do meu cabelo, da cor dele, dos meus cachos e de fazer trancinhas.

9
Meu cabelo é cacheado. Sinto que ele é lindo. Gosto muito do meu cabelo porque ele é cacheado com tom meio loiro, meio castanho.

15
Meu cabelo é lindo e eu cuido dele todos os dias. O nome do corte do meu cabelo é “disfarce”.

E você? O que acha do seu cabelo?

14
Meu cabelo é bonito e eu sou feliz com ele. Ele é crespo e eu não penso em muda-lo, pois eu gosto dele do jeito que ele é. Eu sempre faço cortes diferentes nele.

10
Eu gosto do meu cabelo porque consigo fazer vários penteados e cortes. Ele é bom de pentear.

11
Meu cabelo é lindo. Ele é cacheado nas pontas e liso no comprimento, e eu adoro. Meu cabelo não é qualquer cabelo, é lindo como ele é.

13
Tenho um cabelo muito cheiroso e bonito. Ele é preto e eu adoro.

12
Eu gosto do meu cabelo, dos meus cachos, eu gosto muito do meu jeito. Eu me amo!

Turmas
C e D



Capítulo 3

Desigualdade Social



Abertura

Com que parte você fica da riqueza do seu País?

O Brasil é um país rico em recursos naturais, com dimensões continentais. Nossa nação, hoje, possui mais de 208 milhões de brasileiros (IBGE, 2018).

Em nossa pátria amada 1% das pessoas mais ricas fica com 23% de toda a riqueza do país (ONUBR, 2018). Ou seja, um grupinho pequenino de pessoas fica com uma fatia bem grande de tudo que produzimos com nosso trabalho, enquanto um grupo grande fica com uma fatiazinha bem pequenina para repartir entre si.

Há ainda as desigualdades de oportunidades e condições. Segundo o livro Sociologia em Movimento:

“Existem diferenças nas circunstâncias que afetam o sucesso das pessoas e que não dependem de seus esforços ou decisões pessoais, incluindo o grau de escolaridade, a ocupação dos pais, a qualidade da escola que o indivíduo frequenta, seus ambientes de socialização, além de outros elementos tais como a cor da pele e gênero”

A desigualdade social no Brasil é machista e racista!

Junto com a desigualdade social vem o preconceito, com a crença de que

algumas pessoas valem mais e merecem mais do que outras, de que um grupo é melhor que o outro. E isso não é verdade. Somos todos humanos e deveríamos ter os nossos direitos respeitados. Você sabe que direitos são esses?

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), “os direitos humanos são inerentes a todos os seres humanos, independente de raça, sexo, nacionalidade, etnia, idioma, religião ou qualquer outra condição. Esses direitos incluem o direito à vida, à liberdade, à liberdade de opinião e de expressão, direito ao trabalho e à educação, entre outros”.

E o que devemos fazer para combater a desigualdade? A desigualdade social é mantida há séculos e só será combatida com a redistribuição da renda, feita através do aprimoramento das políticas públicas e programas sociais de continuidade. Precisamos lutar pelos nossos direitos, pela democracia, pela qualidade nos serviços públicos e pela justiça social. E então? Estamos juntos nessa luta? ■

Raquel Souto
Guimarães.
Educadora da
Fundação
Gol de Letra

“Mimimi”

Eu moro na favela e ouço o tempo todo de algumas pessoas que é besteira reclamarmos. Mas vejo o povo daqui sem conseguir se formar, não porque quer, e sim porque precisam escolher entre trabalhar para sobreviver ou estudar.

Chamam de “mimimi” nossa reclamação, chamam de preguiça nossa dificuldade. Dizem que basta querermos que conseguimos, porém, não percebem que o que nos falta é oportunidade.

E quando alguma oportunidade chega, precisamos segurá-la com força e toda vontade que existe em nós. Não deixar passar, pois não sabemos a próxima vez que ela volta a nos visitar.

Anne Vitória.
14 anos. Turma G.

Maria Eduarda
Morais. 14 anos.
Turma F.

Rafaela Lopes.
15 anos. Turma G.



Realidade

Um garoto qualquer. Se o assunto é realidade ele não sabe o que é. Pensava que o mundo era só brincadeira, diversão, insanidade e, além de tudo, muita zoeira. Mas quando seu olhar se abriu, a zueira, a brincadeira, a diversão, tudo sumiu!

Parecia que a dor tinha destruído ele, mas ao mesmo tempo construído.

E estava construindo uma pessoa solitária, triste, cansada e exausta. Tornou-se também observador! Sendo isso, percebeu que a vida era um horror! Virou dono do seu próprio mar, que navega entre o ódio, a dor e o rancor.

Leonardo Tavares.
14 anos.
Turma G.

O papo reto

Não quero dar papo de comunismo, mas eu acho que, no Brasil, não funciona o capitalismo. Opressores cada vez mais opressores e oprimidos cada vez mais oprimidos. É minha gente... esse é nosso Brasil. Aqui na “cidade maravilhosa” mais violência e menos inteligência, mas é isso que dá audiência.

Aqui na favela a falta de oportunidade gera mais “atividade”, passam uma vida aqui e não conhecem a felicidade.

Enquanto em Copacabana há quem ande tranquilo com seu cachorro de raça, nas periferias a galera anda com medo, com cachorros de rua, pensando como deve ser ir ao mercado e comprar tudo o que quer, mas a realidade é a criança implorar para a mãe comprar um picolé.

Leonardo Tavares.
14 anos.
Turma G.



Tô pensando até agora...

Quero dar um papo reto! A vida por aqui sempre foi difícil, mas sinto que está piorando. Sinto que estamos vivendo numa prisão. Não há liberdade, não há lazer, não há opção!

Desde pequeno nessa dificuldade, durmo sem saber se vou acordar bem. Tudo pode acontecer aqui. Me pergunto: “Será que é assim em toda parte da cidade? Será que as outras pessoas não sabem se vão acordar também?”

Faz um tempo eu vi entrar na favela uma *Range Rover* branca. Me aproximei e quando ia perguntar ao senhor do carro se queria informação, ele levantou os vidros, acelerou o carro e eu pensei: “Será que eu tenho cara de ladrão?”

Tô pensando até agora...

Dois de novembro, dia dos mortos, o cemitério do Caju fica cheio! A gente aproveita para ganhar uma grana e perguntamos: “Quer lavar o túmulo, não?”

Num ano aí, vi uma senhora, maior “pinta” de rica. Pensei: “Vou perguntar se ela quer uma limpeza!” Mal cheguei perto, ela segurou a bolsa e andou mais depressa. Prefiro acreditar que ela estava triste. Será?

Tô pensando até agora...

Mas vida que segue. Esperando o tempo passar, quero ser um cantor de rap e levar minha mãe para morar num lugar que ela merece.

Lucas Rocha.
15 anos.
Turma G.

**Será que
é assim em
toda parte
da cidade?**



Capítulo 4
Igualdade de gênero
—



Abertura

Igualdade de gênero

Para iniciar este capítulo, primeiro precisamos entender o que é gênero. Segundo a definição usada pela ONU Mulheres:

“Gênero é o conjunto de papéis, comportamentos, atividades e características que uma determinada sociedade, em um determinado tempo, considera apropriados para mulheres e apropriados para homens”

Portanto, quando falamos em igualdade de gênero, estamos nos referindo à eliminação das desigualdades existentes entre mulheres e homens. Essas desigualdades existem devido às diferentes oportunidades a que mulheres e homens conseguem acessar, dependendo de seus papéis sociais. No entanto, esses papéis não são naturais, mas construídos e aprendidos pela sociedade.

O Guia de Atividades do programa “Uma vitória leva à outra”, voltado para discussão sobre Igualdade de Gênero, da ONU, explica que:

“O que se observa na maioria das sociedades é que o que é esperado, permitido e valorizado em uma mulher e em um homem em um determinado contexto, em geral, provoca desigualdade de direitos e oportunidades, e desvantagens para as mulheres em relação às responsabili-

dades atribuídas, às atividades a serem realizadas, ao uso do tempo, ao acesso e ao controle sobre os recursos materiais e financeiros, às oportunidades de desenvolvimento e às possibilidades de tomar decisões, entre outros.”

Essas desigualdades se mostram através de fatos como a diferença salarial, que chega a quase 53%, entre mulheres e homens ocupando o mesmo cargo (O GLOBO, 2018); como a divisão das tarefas domésticas, onde as mulheres se dedicam o dobro do tempo nos serviços da casa, fazendo assim uma jornada dupla de trabalho (SENADO NOTÍCIAS, 2018); como a violência, onde dados apontam para uma vítima de estupro a cada nove minutos, três vítimas de feminicídio por dia, e um registro de agressão sobre a lei Maria da Penha a cada dois minutos (AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO, 2017).

A Igualdade de gênero é um objetivo a ser atingido por muitos motivos. Um dos principais é que “a discriminação contra as mulheres é proibida pela Constituição Federal. Seu artigo 3º define como objetivo da República promover o bem de todas e todos, sem preconceito de sexo, raça, cor e idade (entre outros), e o artigo 5º prevê que homens e mulheres são iguais em seus direitos e obrigações”. (ONU, 2017)

No Brasil já avançamos bastante com algumas conquistas tais como a Lei Maria da Penha, que cria maneiras de controlar a violência doméstica e familiar contra a mulher, a Lei do Feminicídio, prevendo como crime hediondo o assassinato de mulheres por razões de ser mulher. Vale citar também a PEC das Domésticas e a Lei complementar 150/2015 que são medidas que resgatam uma dívida histórica com as trabalhadoras domésticas, em sua maioria mulheres (94,5%), ao garantir 16 novos direitos trabalhistas já assegurados

na Constituição às demais trabalhadoras e trabalhadores.

Por todas essas razões explicadas acima que consideramos muito importante, não só o debate sobre o assunto para conscientizar a todas e todos, mas também a tomada de ações que empoderem meninas e mulheres em prol de uma sociedade mais igualitária e justa. ■

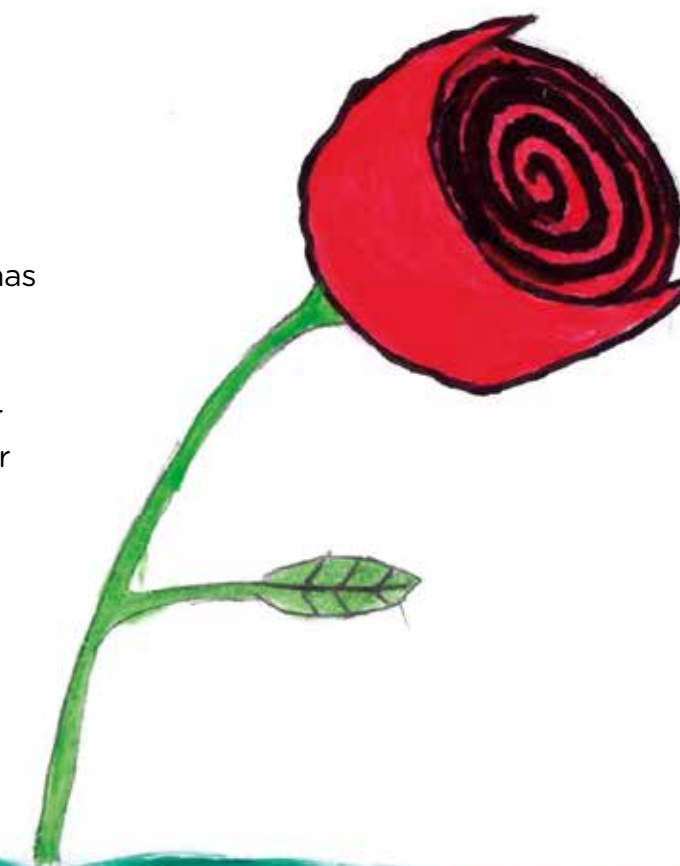
Raquel Souto,
Educadora da
Fundação
Gol de Letra

Nenhuma a menos!

A violência contra mulheres, seja na sua forma verbal ou física, causa grandes traumas nas vítimas. Muitas mulheres perdem sua autoestima, se sentem inferiores às outras pessoas, se isolam dentro de suas casas, pois muitas vezes as marcas não são apenas psicológicas. Surras deixam marcas físicas e constrangimentos também.

Nenhuma pessoa deveria passar por violências. Desejo um mundo melhor pra mim e para minhas amigas.

Maria Eduarda
de Moraes.
14 anos.
Turma F.



Brinquedo é brinquedo!

Me chamo Karolyne, tenho 11 anos e adoro jogar futebol, mas minha mãe não deixa, diz que é brincadeira de menino. Conheço meninos que gostam de brincar de bonecas também e não vejo problema. Brinquedo é brinquedo! Para qualquer criança!

Mas eu ainda acredito que um dia viveremos num lugar onde todas as crianças poderão escolher seus brinquedos sem o medo de serem tratadas diferentes por isso.

Karolyne
Wanessa.
12 anos.
Turma E.

Eu não aceito preconceito!

Eu iria ser muito mais feliz sem o preconceito por perto. Tem tantas coisas que a vida não pode me dar. Simplesmente porque a sociedade é tão machista. Isso me machuca muito!

Pessoas sofrendo na rua por uma coisa que elas não queriam ser. Mas a população não tem um pingo de respeito pelos outros. Eu não aceito o preconceito!

Nesse Brasil nós precisamos usar nossas forças. Mas chega um ponto em que a gente pensa em jogar tudo para o alto e ir embora. NÃO!

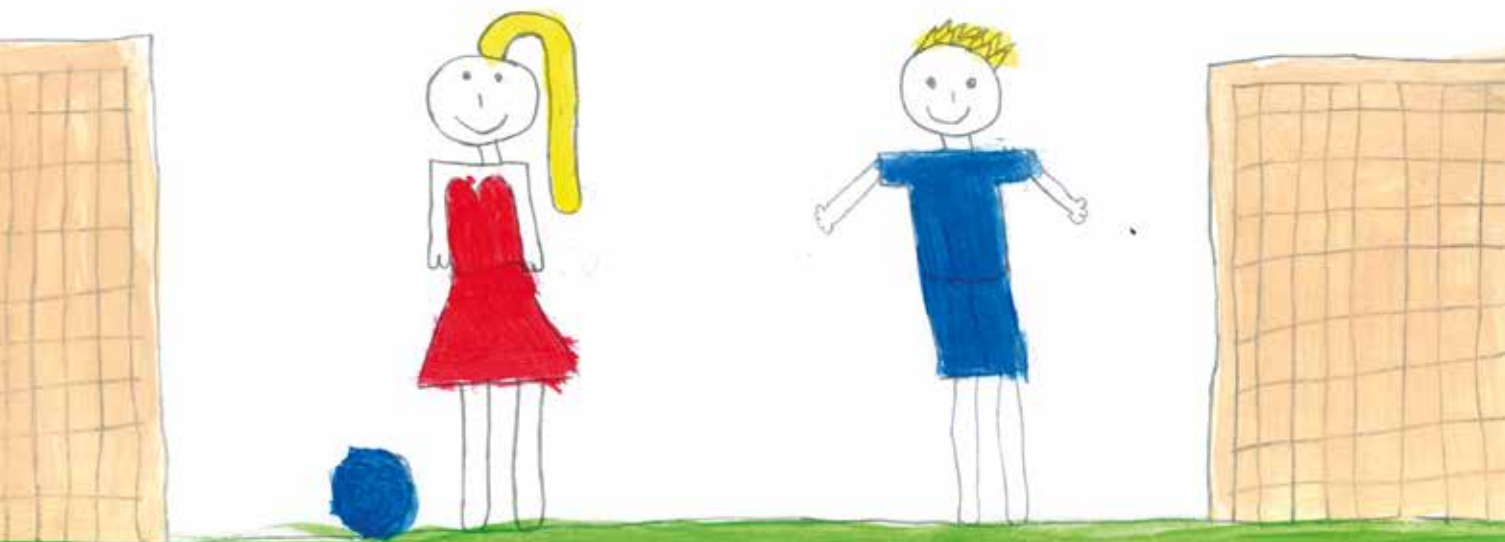
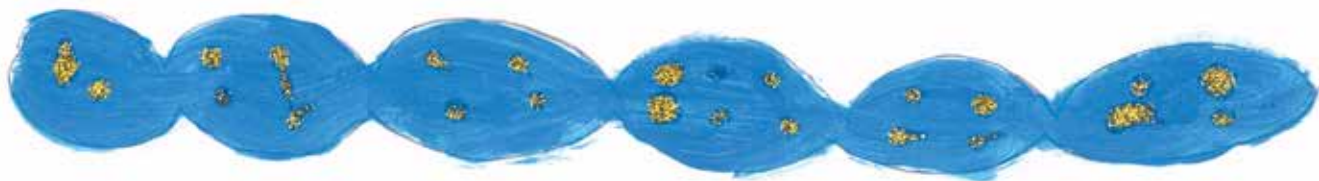
Por mais que o mundo não aceite as minhas vontades, eu vou em frente. A vida não precisa ser perfeita.

Dou as mãos a mim mesmo e acredito que tudo um dia pode mudar. Penso positivo. Coloco cor na minha vida e esperança. Vivo feliz!

Eu me amo do jeito que eu sou. Serei alegre independente do preconceito.

A humanidade não precisa disso. Vou sonhar com a vida que eu gostaria de ter. E lutar por ela.

Kauã Rodrigues
Valentim.
15 anos.
Turma J.



Músicas Reescritas

O machismo está tão enraizado em nossa sociedade que muitas vezes ele se manifesta e nós não o reconhecemos. Ele está presente nos mínimos detalhes do nosso dia a dia, inclusive nas músicas que escutamos. Os textos a seguir são letras de músicas reescritas, pois continham alto teor machista em suas originais.

Adaptação da música:

“Só quer vrau” (MC MM)

Essa menina assanhadinha

Só quer respeito, só quer respeito, só quer respeito, peito, peito!

Vem pra favela se divertir. Então vem se divertir! (2x)

Pra menina da favela, o ritmo é esse aqui:

Divertir, divertir, divertir, divertir, divertir, divertir!

Vem!

Grazielly Batista.
12 anos.
Turma E.

Karolyna Bezerra.
12 anos.
Turma E.

Lucas do Nascimento.
12 anos.
Turma E.

Kamilly Vitória.
13 anos.
Turma E.

Marcele Vitória.
12 anos.
Turma E.



Adaptação da música:

“Mulher não manda em homem”

(Grupo Vou Pro Sereno)

Agora que eu vou pra casa descansar.
Mulher não manda em homem,
Homem também não tem
que mandar. (2x)
Com tanta roupa suja em casa,
Eu vou ajudar sim.
Mulher foi feita para o que ela quiser,
Sem machismo sim! (2x)

Aline Victória.
14 anos.
Turma F.

Pamela Cristine.
13 anos.
Turma F.

Breno Ribeiro.
13 anos. Turma F.

Manoella dos Santos. 13 anos.
Turma F.



Adaptação da música:

“Tem café” (MC Hariel)

Você já sabe qual é:
Seu machismo pra mim é um sinal.
Ta na hora de eu meter o
pé pra minha casa
E tomar meu café.
Gosto quando eu fico louca.
Fico assanhada, fico toda solta.
Olho pro espelho e vou
tirando a minha roupa.
Não prefiro chá de guaraná,
de guaraná pra ficar louca.
Não preciso de você pra ficar louca.

Te vi bem louco, se tocar no
meu corpo,
Disco 100 e você nunca vai tá solto.
Eu sei quem inventou o machismo.
Invenção da sociedade hipócrita.
Mas vamos mudar essa história.
Eu não quero mais continuar.
E por isso eu vou parar
e você não é ninguém
Para dizer que
minha vida é
sem graça.

Ana Clara Toquer.
15 anos. Turma G.

Juliano Lima.
15 anos. Turma G.

Rian Monteiro.
15 anos. Turma G.

Caio Santana.
15 anos. Turma G.



Adaptação da música:
“Amar, amei” (MC Don Juan)

Amar, amei.
Já superei
Mas agora não vem de palhaçada!
Não dava mais, era uma
briga em cima da outra.
Ô moço, não dava mais, era
uma briga em cima da outra.
Deixa as minhas amigas pra lá!
Cuidado garanhão, mas acho
que isso não vai rolar.

Letícia Alves.
16 anos.

Rebeka Maria.
18 anos.

Clube de Leitura.
Bibl. Comunitária.
Carlos Ghosn.



Adaptação da música:
“Por causa de você” (Kelly Key)

Por causa de você não vou
descuidar de mim.
Uso short curto e batom sim!
Não diminuo meu tom, e meus
amigos não troco, não!
Por alguém que só me desgasta.
Por causa de você eu não deixo
de fazer nada.
Não perdi minha liberdade,
Não te entrego minha vida, só

pra fazer sua vontade.
Estou de bem com o mundo,
Não largo mão de nada!
Eu olhei pra trás e vem
você querendo,
Mas agora não quero mais!
Eu não vou mais chorar.
Você não sabe amar.
Então não vem correndo atrás.

Petrônio da Silva.
15 anos. Turma J.

Kaillany
Rodrigues.
15 anos.
Turma J.

Maria Clara
Gomes. 14 anos.
Turma J.

Gabriel
Javoriviski.
14 anos.
Turma J.



Adaptação da música:

“Agora vai sentar” (MC Jhowzinho e MC Kadinho)

Eu não vou sentar por cima e
você vai respeitar.
Não pedi, agora, para!
Não adianta tu tentar, menino,
Porque eu não vou sentar.
Agora você vai parar,
Vai respeitar,
Não vai tocar.

Mariane Silva,
11 anos.
Turma E.

Hugo Lima,
13 anos.
Turma E.

Áquila Melo,
13 anos.
Turma E.

Clara
Ghidalevich,
12 anos.
Turma E.

Stephany
Rodrigues,
13 anos.,
Turma E.



Atividades

As atividades que virão nas próximas páginas foram realizadas nas turmas do programa Dois Toques, na oficina de Letramento. Essas oficinas foram aplicadas, a fim de refletir e debater a questão de gênero, além de desconstruir alguns mitos e senso comum. Agora é a sua vez de refletir sobre o tema **IGUALDADE DE GÊNERO**

Mito x realidade

Esta atividade é para ser feita em grupo. Chame seus amigos. Faça uma roda, leiam as frases e conversem, deixando que cada um fale o porquê da sua opinião. Marque um X na opção escolhida pelo grupo.

		MITO	REALIDADE
1	Menino não pode brincar de boneca		
2	Menino não pode usar brinco		
3	Menina não pode jogar lego		
4	Menino não pode brincar de panelinha		
5	Menina pode rebolar		
6	Brincadeiras não têm gênero		
7	Menino deve ajudar a arrumar a casa		
8	Meninos podem cozinhar		
9	Só meninos podem subir nas árvores		
10	As meninas podem praticar qualquer tipo de artes marciais		
11	Meninas só podem usar roupas rosa		
12	Ser atleta é coisa só de menino		
13	Brincar na rua é só para menino		
14	Meninos e meninas devem se ajudar		
15	Meninos e meninas devem se respeitar		
16	Menino não pode fazer faxina na casa		
17	Bombeiro é profissão de menino		
18	Menina pode ser policial		
19	Menino pode dançar funk		
20	Menina pode ser cientista		
21	Menino pode usar estampa de flores		

Concordo x discordo

Para essa atividade vamos precisar que você chame um amigo. Leiam as frases, conversem sobre elas. Depois, marque com um X a opção acordada.

		CONCORDO	DISCORDO
1	Menina não pode jogar videogame		
2	Menino não pode brincar de boneca		
3	Meninas não podem criticar a roupa dos meninos		
4	Meninas podem jogar futebol		
5	Meninas podem vestir qualquer roupa porque o corpo é delas		
6	Meninos podem fazer balé		
7	Existe brinquedo só de menina e só de menino.		
8	Menina não dirige		
9	Não é certo ficar implicando com as meninas		
10	Meninos podem brincar de casinha		
11	Meninas não podem jogar com os meninos		
12	Meninas e meninos podem fazer as mesmas coisas		
13	Meninos devem ajudar em casa		
14	Meninos e meninas podem usar roupas da cor que quiserem		
15	Meninos não podem bater em meninas		
16	Meninas e Meninos podem brincar juntos		
17	Meninas podem praticar luta (judô, capoeira...)		
18	Só menino pode andar de skate e patins		
19	Meninas e Meninos podem ir ao salão de beleza		
20	Meninas não podem ser incomodadas na rua		
21	A violência do homem é culpa da mulher		
22	Mulheres não denunciam os homens porque gostam de apanhar		

Olá, leitores! Aqui criamos um pequeno GLOSSÁRIO. Vocês podem encontrar o significado de alguns conceitos que estão nos textos sobre:

Afrodescendentes: Quem descende de família ou indivíduo africano negro.

Aprimoramento: Ação de tornar algo melhor.

Cidadania: é a condição em que uma pessoa possui todos os direitos e deveres que são determinados pelas leis de seu país.

Cidadão: Ser cidadão é ter direito à vida, à liberdade, à propriedade, à igualdade perante a lei: ter direitos civis. É também participar no destino da sociedade, votar, ser votado, ter direitos políticos.

Circunstâncias: Condição de tempo, lugar ou modo.

Conceito: é a definição que damos a uma ideia, através principalmente de uma palavra.

Crítica: análise/avaliação/examine/ estudo cuidadoso de algo para entender todas as coisas ao nosso redor, para evitar pensar e agir sem nem saber o motivo, construindo sua própria opinião.

Crime Hediondo: Crime bárbaro, cruel, desumano.

Cultura: conjunto de costumes, crenças, valores que fazem parte dos diferentes grupos que formam uma sociedade (religiões, linguagens, músicas, estilos de se vestir, moralidades).

Democracia: Modo de governar em que há liberdade de associação e de expressão e no qual não existem diferenças ou privilégios de classe hereditários ou sem rigor de lei.

Desigualdade social: Falta de equilíbrio no padrão de vida de seus habitantes, seja no âmbito econômico, escolar, profissional, de gênero, entre outros.

Dialógico: quando tratamos de algum assunto dialogando. Quando todos têm oportunidade de dar sua opinião.

Dimensões continentais: Do tamanho de um continente.

Escolaridade: Rendimento escolar de um aluno.

Esforços: Aquilo que se faz com dificuldade e empenho.

Estereótipos: hipótese sobre determinadas pessoas, que muitas vezes acontecem sem ter conhecimento sobre grupos sociais ou características de indivíduos, como a aparência, condições financeira, comportamento.

Etnia: Coletividade de indivíduos que se diferencia pela cultura, língua, religião e costumes.

Expressão: Manifestação do pensamento por meio da palavra ou do gesto.

Feminicídio: Assassinato sistemático de mulheres.

Grupo Hegemônico: grupo de pessoas que possui o domínio, o controle.

Hierarquia: classificação de acordo com algum critério, de acordo com algum valor, determinando superioridade e inferioridade, o maior e o menor.

Humanidade: O termo humanidade, do latim humanitas, faz referência à natureza humana, ao gênero humano ou ao conjunto de todas as pessoas do mundo.

Igualitária: Que tem como objetivo a igualdade civil, política e moral.

Inviolabilidade: Qualidade daquilo que não se viola, não se desrespeita.

Lei Maria da Penha: Essa Lei estabelece medidas de proteção, assistência e proteção das mulheres e seus filhos.

Miscigenar: misturar uma raça com outra, dando origem a descendentes mestiços.

Nação: Conjunto de pessoas que ocupam um território limitado e respeitam leis criadas por seus membros. Ex: Brasil, Estados Unidos, França, todos os países.

Nacionalidade: País de nascimento. Qualidade de uma pessoa que pertence a uma determinada nação.

ONU: A Organização das Nações Unidas, também conhecida pela sigla ONU, é uma organização internacional formada por países que se reuniram voluntariamente

para trabalhar pela paz e o desenvolvimento mundiais.

Opinião: Maneira de pensar, ponto de vista.

Pátria: País em que se nasce, ou que se pertence como cidadão.

Políticas públicas: Ações e programas desenvolvidos pelo Estado para colocar em prática os direitos estabelecidos na Constituição Federal.

População: Conjunto de habitantes de determinado lugar.

Precários: Que não é estável ou seguro.

Privilégios: Vantagens válidas somente a um indivíduo ou um grupo em prejuízo da maioria.

Programas sociais: Ações destinadas a melhorar as condições de vida de uma população.

Raça: Divisão tradicional e sem fundamento lógico de grupos humanos determinada pelo conjunto de características físicas hereditárias tais como a cor da pele, o formato da cabeça e o tipo de cabelo. Esse termo é cientificamente rejeitado, pois a espécie humana não se subdivide em raças, no entanto, devido ao contexto histórico a palavra ainda é usada, pois essa divisão existe dentro da sociedade.

Redistribuição de renda: Refazer a forma em que são distribuídas as riquezas e os bens socialmente produzidos entre os indivíduos de uma determinada sociedade.

Reflexão: atividade interior de pensar e repensar sobre algo (atitude, pensamento, um fato).

Repulsas: Sentimento de repugnância; asco, aversão, enojo, incha, náusea, nojo, revolta.

Sexo: Composição física, orgânica, celular, particular que permite distinguir o homem e a mulher, atribuindo-lhes um papel específico na reprodução.

Singularidades: características específicas de cada pessoa.

Socialização: Processo de adaptação de uma pessoa à vida em grupo.

Tachados: “apontar defeito em” ou “acusar de”.

Referências bibliográficas

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da república Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal; Centro gráfico, 1988. Disponível em: < https://www.senado.leg.br/atividade/const/com1988/con1988_15.12.2016/art_5_.asp>.

BRASIL. Presidência da República, Casa Civil. **Lei Maria da Penha**, n.11.340, 7 de agosto de 2006. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm>.

CAVALLINI, Patrícia. **Mulheres ganham menos que os homens em todos os cargos e áreas, diz pesquisa**: A diferença salarial chega a quase 53%; as profissionais ainda são minoria em cargos de gestão.. G1, [S.l.], 7 mar. 2018. Economia, p. 1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/mulheres-ganham-menos-que-os-homens-em-todos-os-cargos-e-areas-diz-pesquisa.ghtml>>. Acesso em: 22 nov. 2018.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. Rio de Janeiro: **Civilização Brasileiro**, 2012, p. 66.

CORREA, Marcelo. Economistas: **Dados do IBGE mostram que desigualdade ainda é batalha a ser vencida: IBGE mostrou que 1% dos mais ricos recebem 36 vezes mais que 50% dos mais pobres**. 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/economistas-dados-do-ibge-mostrar-que-desigualdade-ainda-batalha-ser-vencida-22128307>>. Acesso em: 04 set. 2018.

DO BRASIL, Governo. **População brasileira ultrapassa 208 milhões de pessoas, revela IBGE: Os três estados mais populosos estão no Sudeste; enquanto os cinco menos populosos, no norte do País**. 2018. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/editoria/cidadania-e-inclusao/2018/08/populacao-brasileira-ultrapassa-208-milhoes-de-pessoas-revela-ibge>>. Acesso em: 04 set. 2018.

DO BRASIL, Nações Unidas. **Brasil está entre os cinco países mais desiguais, diz estudo de centro da ONU**. 2018. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/brasil-esta-entre-os-cinco-paises-mais-desiguais-diz-estudo-de-centro-da-onu/>>. Acesso em: 04 set. 2018.

DO BRASIL, Nações Unidas. **O que são direitos humanos?**. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/direitoshumanos/>>. Acesso em: 04 set. 2018.

GALILEU, Redação. **Dados de estudo indicam que desigualdade no Brasil é machista e racista: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios mostra que, apesar dos avanços sociais em relação a décadas passadas, ainda temos um dos maiores abismos sociais do mundo**. 2017. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2017/11/dados-de-estudo-indicam-que-desigualdade-no-brasil-e-machista-e-racista.html>>. Acesso em: 04 set. 2018.

LÉVI-STRAUS, Claude. **“Etnocentrismo” in Raças e História**. <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2844023/mod_resource/content/1/LÉVI-STRAUSS%C2%20Claude_Raça%20e%20história.pdf>, p. 3-6> Acessado em 10 ago 2018, p. 4.

Glossário de termos do objetivo de desenvolvimento sustentável 5

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. 3ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.

OLIVEIRA, Guilherme. **Divisão de tarefas domésticas ainda é desigual no Brasil**. 2018. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/especial-cidadania/divisao-de-tarefas-domesticas-ainda-e-desigual-no-brasil/divisao-de-tarefas-domesticas-ainda-e-desigual-no-brasil>>. Acesso em: 22 nov. 2018.

ONU MULHERES. Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e Empoderamento das Mulheres. **Uma vitória leva à outra**: Meninas empoderadas pelo esporte - guia de atividades. [S.l.: s.n.], 2018. 12 e 13 p.

PATRÍCIA GALVÃO, Instituto. **Violência contra mulheres em dados**. 2018. Disponível em: <<https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/>>. Acesso em: 22 nov. 2018.

ROCHA, Everardo. **O que é etnocentrismo**. São Paulo: Brasiliense, 2006, p.21-22.

SCHWARCS, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil: 1870-1930**. São Paulo: Cia das Letras, 1993, p. 57-128.

SILVA, Afrânio et al. **Estratificação e desigualdades sociais**. In: SILVA, Afrânio et al. Sociologia em Movimento. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2013. cap. 10, p. 240-264. v. único.

WEISZFLOG, Walter. **Michaelis**. [S.l.: s.n.], 2018. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 07 set. 2018.

Lista de alunos

Turma A

Anna Leticia Da Silva Ribeiro
Antonella Batista Rebello
Bernardo De Sousa De Lima
Bernardo S. Farias De Santana
Brunna Hellen Calixta Santos
David Sizario Belfort
Eloah O. Meyer Dos Santos
Emanuel Nascimento Da Silva
Emily Vicente Da Silva
Erick Teixeira Santana
Evelin Mariana Souza Da Silva
Evelyn Vicente Da Silva
Gustavo De Oliveira De Lima
Gustavo Jacinto Dos Santos
Isabelle Ribeiro Gomes
Italo Vinicius Barroso Lima
João Marcos Da Silva
Julio Maicom Dos Santos Moita
Kaio Felipe Da Silva Lima
Kauã Phillipe Jacinto Da Silva
Kemilly Da Silva Ferreira
Layra Eduarda Santos Ditta
Marcus Vinicius Ferreira Soares
Maria Eduarda De F. Santiago
Marianna Silva F. De Santana
Marta Da Silva Araujo
Matheus Da Silva De Souza
Paulo Henrique Da Silva
Raphael Barbosa Brito
Ray Pereira De Sousa
Richard Caio Fontinele Ribeiro
Taiane Do Nascimento Da Silva

Turma B

Adiones Camilo Dos Santos
Anna Beatriz Dos S. Nogueira
Caio Monteiro Oliveira Da Silva
Christian Feliciano Dos Passos
Clara Ghidalevich Lima
Daniel Matheus Do N. Duarte
Davydson Valente Dos Santos
Denis Magno Ferreira Da Silva
Ellen Camile Vicente Da Silva
Eloah Oliveira M. Dos Santos
Emanuel Nascimento Da Silva
Esthefany Cristine C. Moreira
Geovana Da Silva Marques
Gustavo Jacinto Dos Santos
Isabelly Góes De Jesus Araujo
Jenefer Sousa Teixeira
Kauã Phillipe Jacinto Da Silva
Luis Fernando Candido Nunes

Matheus Da Silva De Souza
Mirella Foster M. Martins Barros
Nathasha De Andrade Telis
Pablo Willian Ferreira Cunha
Pedro H. Da Silva B. Dantas
Rafael De O. Matos Fernandes
Ruan Silva Faria De Santana
Ryan Barreto Dos Santos
Sarah Mendonça Ferreira
Sarah Vivian De D. Dos Santos
Thiago Vieira Santos
Vitória M. Belfort Dos Santos
Wallace M. Da Silva Oliveira
Wesley Kaiky Lopes Da Silva

Turma C

Alessandra V. L. Felix Da Silva
Alessandro M. Silva De Oliveira
Alexssandro De S. Fernandes
Allan Pierry De Moraes Costa
Ana Julia Martins Trindade
Arthur Senna Do Carmo De Lira
Bernardo Niemeyer De Almeida
Daniel Alves Ramos
Daniel Lima Vidalete Gomes
Davi Caxias De Oliveira
Diego Santos Nascimento
Fernando A. De Matos Ventura
Giulia Silva Candido
Isabela Alves Alexandre
Isabella Brito Fernandes
João Vitor Paiva Dos Santos
João Vitor Rodrigues Bezerra
Keven José Da Silva
Larah Eufrazio Araujo
Miguel F. Dos Santos Da Silva
Miguel Senna Do Carmo De Lira
Nathália Basseti Da Silva
Nathan Ribeiro Duarte
Paola Matias Dos Santos
Pedro Henril Araujo Dias
Pedro H. Reis Do Nascimento
Rafael Romão Bezerra
Samuel Da Silva Maximiano
Victor André L. M. De Oliveira
Wellyngton S. Do Nascimento
Werlane Vitoria Da S. Martins
Yuri Leal Da Silva

Turma D

Adryelle Dos Santos Barbosa
Ana Beatriz Alves Alexandre
Ana Clara Dos Santos Da Silva
Andriel Da Costa
Arthur Da Silva Neves Santanna
Breno Luiz Machado Dias
Daniel Lima Vidalete Gomes
Danilo Santos Nascimento
Deyvison Oliveira Da Silva
Fellype G. Reis Do Nascimento
Gabrielle Vitoria Dos Santos
Gabrielly Rodrigues Alves
Gabriely Dos Santos Da Silva
João Vitor Brito Fernandes
Jully Gabrielly A. Dos Santos
Kaio Victor Alves Dos Santos
Kauan Da Silva Vidalete
Keven José Da S. Laila Ribeiro
Letícia Martins De Oliveira
Manuely De Moraes Francisco
Maria Luiza Rodrigues Da Silva
Miguel Luiz Da Silva
Paola Matias Dos Santos
Pedro De Matos Mesias
Raphaelly V. Da Silva Ferreira
Stefany Vitoria Ramos Sales
Tayssa V. Curssu Dos Santos
Tiago Alves Ramos

Turma E

Allan da Silva Marinho
Aline V. Gomes de Moraes
Anderson Feliciano dos Santos
Anny C. Gouveia dos Santos
Breno Ribeiro de Oliveira
Gabriel Rodrigues de Sousa
Geovana Moura Fernandes
Grasielly Batista Rebello
Greice Vitória Constantino
Fernandes Príncipe
Guilherme Maldini da Silva
Iago Davi dos Anjos S. Andrade
João Carlos A. Ponte Lopes
Julia Alves Faria
Kamilly Vitória da Silva Campos
Lucas do N. Javorivski
Marcele Vitória Silva Ferreira
Natália Lopes Viana
Pamela Cristine Ferreira Cunha
Raphael Justino de Souza
Renan Santos Ditta
Tayná de Souza Martins
Victor L. V. do Nascimento
Vitor dos Santos Lima

Turma F

Aline Victoria G. de Moraes
Ana Carolina Araujo de Sena
Anne Vitória Brito Fernandes
Antônia Isabely Ferreira Gomes
Brenda da Silva de Sousa
Bruno Sousa de Lima
Cleiton Gomes da Silva
Clevison C. Miranda dos Santos
Daniel Silva da Costa
Gabriel Mateus do N. Javorivski
Gabriel Romão de Andrade
Giovanna Sousa Lopes
Hudson Ryan S. F. de Santana
James Fernando R. de Azevedo
Kaio da Silva Araújo
Kayky da Conceição Silva
Leandro Junior Correa Silva
Leonardo S. de Lima da Silva
Leonardo T. Ferreira Barros
Manoella dos Santos de Souza
Maria E. de Jesus Amador
Mateus Ferreira Gregório
Matheus Vinicius M. de Oliveira
Rayana Vytória do Nascimento
Sarah Juliê P. do Nascimento
Thayná Cândido da Silva
Yuri Oliveira da Silva
Wallex Martins Miranda

Turma G

Adriana Barbosa Santos
Alberto Barbosa de Oliveira
Ana Carolina da Rocha Dias
Ana Clara Toquer Benigno
Caio de Santana Barros
Carlos Gabriel Sousa da Silva
Darlon Oliveira da Silva
Diogo Santos Machado
Gustavo R. de Deus dos Santos
Hebert Carlos Nascimento
Isabel da Silva Marcolino
João Vitor A. Pontes Lopes
Jorge Luiz Silva Barcelos
Juliana Justino de Souza
Juliano Lima Silva
Kaillanny Silva Ferreira
Lucas da Rocha Araújo
Rafael Barbosa Santos
Rafaela Lopes Rodrigues
Rian Monteiro de O. da Silva
Vitória A. Ferreira dos Santos

Turma H

Ana Luiza Ribeiro
Arthur Fernandes Barbosa
Arthur Horácio Paulino
Bárbara Ramos Felizardo
Camily Vitória da Silva
Carlos Eduardo Batista Santos
Cleiton da Silva Rocha
Daniele Honório da Silva
Dina Emanuele Pimenta Santos
Eduarda Vitória F. de Araújo
Estefany Castro Almeida
Gabriel Viegas Belém
Isaac Rodrigues dos Santos
Israel da Silva Vieira
Jaciane dos Santos Ximenes
João Pedro dos Santos
Kaiki Alexandre de Lima
Kemilly Bispo da Silva
Kevin da Silva Ferreira
Lara Fabia Moraes de Sousa
Letícia Martins de Oliveira
Lucas Jesus Gonçalves da Silva
Luiz Guilherme F. de Sena
Manoella dos Santos de Souza
Manuelle Gomes Barbosa
Marcilio Augusto R. Furtado
Mari Elen Sousa da Silva
Maria Eduarda M. da Conceição
Miguel Roberto da S. Andrade
Patrick C. da Conceição
Priscila Santana Pereira
Ranielle Vitória Magalhães
Raquel Paulo da Costa
Vitor Souza da Silva
Vitória Hellen da Silva
Yasmin Castro Almeida

Turma I

Alexsandro de S. do Nascimento
Anna Beatriz de Amorim Cunha
David Ribeiro da Silva
Emilly Vitória da Silva
Flávio Cantanhede Alves
Greisson Lima Vidalete Gomes
Hector Soares Simas de Brito
Isabelle Pereira da Silva
João Pedro Rodrigues da Silva
João Pedro de Souza Gomes
João Pedro Gaudêncio Ferreira
Jorge Lucas Souza de Araújo
Jonas Bernardo Araújo
Kailany Silva Ferreira

Kaillany Rodrigues Valentim
Kauan da Silva Ferreira
Layssa Manú da Silva
Letícia Alves Silva Francisco
Maria Clara G. do Nascimento
Maria Eduarda Batista Santos
Maria Raquel de Lima
Miguel R. da Silva de Andrade
Nicolas Nascimento Diniz
Pedro Lucas Calixto da Silva
Raissa Bezerra dos Santos
Ryan Fernandes Santos
Sávio Pereira Santos
Tales Nascimento
Thainá Teles Torres
Thiago da Silva Pereira
Wandrey de L. do Nascimento

Turma J

Alef Rodrigues Nogueira
Andryelle da Silva Gomes
Antônio da Silva Ilário Junior
Daniel Massahiro Suzuki
Darlon Oliveira da Silva
Débora Cristina M. de Oliveira
Ellen de Oliveira Nunes
Gabrielly Botelho de Lima
Ingrid Helena Vales Pereira
Isabel da Silva de Jesus
Isabelly Vitória de O. da Silva
Julia da Silva Felipe
Kauã Rodrigues Valentim
Katelyn do Nascimento Mota
Kethelyn Geovana M. de Souza
Lucas Dantas Deziderio
Marcella dos Santos de Souza
Matheus de Almeida da Silva
Matheus V. da Silva dos Santos
Matheus Vinicius dos S. Rocha
Mirlene Nascimento de Sousa
Petrônio da Silva Ferreira Filho
Raissa Bezerra dos Santos
Raul da Silva Leonel
Ryan Charles Magalhães
Ryan Fernandes Santos
Sandro H. Trajano Evangelista

Ficha Técnica

Diretora da Unidade
Beatriz Campos Pantaleão

Coordenação Pedagógica
Felipe Pítaro Ramos
Patrícia Paiva

Editoras Executivas
Elenise Barbosa
Elisiane Vieira
Flávia Mendes
Raquel Souto

Monitores FGL
Adrielly Lopes
Danilo de Lima
Eduarda Araújo
Hildson Cristian
Ingrid Helena
Jonathan Pedroza
Jorge Lucas
Juliana Trindade
Laura Milene
Luiza Domingas
Matheus Alexandre
Matheus Lopes
Mauro Márcio
Pedro Hugo
Rafael Albuquerque
Rafaela Bezerra
Thaís de Jesus
Victor Albuquerque

Colaboradores FGL
Alan Pereira Martins Da Silva
Alessandro Sanuto Da Silva
Ribeiro Vilella
Augusto Eurico Correa Mota
Aurimar Costa Mendes Da Silva
Brunna Castro Garcia Costa
Bruno Cesarino Dos Santos
Carlos Rafael Ladeira Simplicio
Cleber Miranda Felisberto
Cleonilson Machado Santos
Crislaine Maciel De Lima
Cristiane Barbosa Barreto
Cristiane Rosendo Reis
Daniel Oliveira
Daniele C. B. Cardoso Carvalho
David Das Neves Pereira
Diego Guimarães Rodrigues
Elenise Barbosa Silva Restier
Elisiane Vieira Dos Santos
Elizabete R. Do Nascimento
Estevão Nascimento Neto
Felipe Nascimento De Souza
Felipe Pitaro Ramos
Fernando M. Do Nascimento
Filipe Arcanjo Neves
Flavia Alves Da Silva Mendes
Geovania Da Silva Andrade
Guilherme Ferreira Maia
Jair Sant’ana Lyra
Jaqueline Fonseca Waiandt
De Almeida
Joana Belem Varella Moitas
Joiceane Eugenia Lopes da Silva
Julia Tavares Ferreira Barros
Juliane Lima Silva

Julio Maicom Dos Santos Moita
Karina Avelar Da Silva
Lorenza Rodrigues Da Silva
Lucas Da Costa Martins
Luciano Nunes Cardoso
Ludmilla Lucas Blanck
Lurimar Aparecida J. Moreno
Marco Antônio Da Silva Santos
Marilza Alves De Moura
Michele Cypriano Rodrigues
Midian Santiago Fernandes
Midori Hayama
Millena Ellen Nascimento da
Silva Oliveira
Natasha Sholl Schneider
Nathalia Gomes De Abreu Silva
Osvaldir Arruda
Patricia Paiva De Sa
Paula De Lima Lopes
Priscilla Almeida Padua
Priscilla Dos Santos Fernandes
Raimundo Claudino Da Silva
Raquel Souto Guimarães
Rayana De Melo Santuchi
Rene Santos Carvalho Da Silva
Robson Ferreira Lopes
Roselene Moreira
Sandra Soares De Oliveira
Silvania Da Conceicao Da Silva
Silvania Tavares Ferreira Barros
Suellen Vianna Da S. Gonçalves
Tarcisio De Santana Gomes
Thaya Pereira
Valdeci Alves Moreira
Vivian Da Silva Barria
Zuleide Soares Da Silva



Patrocínio

